

**TREECE, David. Exilados, Aliados e Rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial.** São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2008.

*Ana Claudia Magalhães Pitol\**

O argumento de *Exilados, Aliados e Rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*, segundo David Treece<sup>1</sup>, assenta sobre um paradoxo, uma vez que o processo destrutivo sofrido pela população indígena ao longo da história do Brasil não combina com o perfil destacado do indígena na tradição do pensamento nacionalista brasileiro. Nesse contexto, segundo o autor, os responsáveis por esta celebração foram também responsáveis pelo maior movimento de nacionalismo cultural, coerente, durável e influente, antes do Modernismo: o movimento

---

\* Aluna de graduação do curso de História da Universidade Federal do Paraná.  
Contato: [anita\\_pitol@hotmail.com](mailto:anita_pitol@hotmail.com).

<sup>1</sup>David Treece é chefe do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros do King's College, em Londres, onde trabalha desde 1987. Seu livro *Exiles, Allies, Rebels: Brazil's Indianist Movement, Indigenist Politics, and the Imperial Nation-State* foi editado pela primeira vez pela Greenwood Press, em 2000. A edição aqui apresentada é de 2008, editada pela Nankin editorial e Edusp. A obra foi elaborada com base na tese de doutorado do autor, *The Indian in Brazilian Literature and Ideas (1500-1945)*.

indianista. No entanto, este paradoxo não passou despercebido a esses autores, tornando-se o ponto central de suas obras.

*Exilados, Aliados, Rebeldes* propõe colocar os autores indianistas em diálogo com as realidades políticas ou sociais brasileiras, num movimento inverso ao que apontavam as explicações tradicionais deste movimento que separavam a cultura do debate político, “como se uma linha divisória pudesse simplesmente ser traçada entre o índio ficcional da imaginação romântica e as comunidades tribais contra as quais o Império declarou guerra repetidamente, desde suas origens”.<sup>2</sup> A hipótese sustentada pela obra é a de que estes três fenômenos, a história da política indigenista oficial, a identidade sócio-política contraditória do Estado-nação brasileiro e a construção de um índio ficcional no imaginário nacional, “encontram-se intimamente ligados um ao outro e compartilham um núcleo comum: a preocupação com a integração”.<sup>3</sup> Em *Exilados, Aliados, Rebeldes*, encontram-se três aspectos bem importantes que possibilitam colocá-lo em diálogo com a prática interpretativa novo historicista, ou mesmo, dentro deste campo da Nova História Cultural. Em primeiro lugar, a defesa do autor quanto à inevitabilidade da atuação; em segundo, sua defesa de que as influências estrangeiras não eram simplesmente absorvidas sem

---

<sup>2</sup> TREECE, David. *Exilados, Aliados, Rebeldes. O movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2008, p. 18.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 14.

nenhum filtro pelos autores brasileiros e, por último, a desconstrução dos cânones da literatura indianista através de sua contextualização e diálogo com outras obras tidas como “menores”.

A atuação dos escritores analisados por Treece, como aponta sua hipótese, não pode ser separada do debate político que permeava a sociedade. Porém, o autor pretende que sua abordagem historicista não se torne mecânica ou reducionista em relação às obras examinadas como se fossem um simples reflexo documental de determinadas realidades sociais pressupostas *a priori*. Sua obra visa “questionar a dicotomia entre o social e o estético, as dimensões ‘externa’ e ‘interna’ do processo literário, evitando tratar a obra de arte como mero epifenômeno do mundo social”.<sup>4</sup>

Quanto às influências do Romantismo e de autores estrangeiros, claro está que não podem ser negadas, mas devem ser medidas, pois, de acordo com o autor, tais influências foram relidas e adequadas ao contexto histórico do movimento, ou seja, adequadas à visão de mundo dos autores. Dessa forma, o movimento indianista não pode ser visto somente como uma expressão do Romantismo europeu em terras brasileiras.

Por fim, é preciso ressaltar que a proposta de Treece é desconstruir um dos aspectos da análise até então feita do movimento indianista, a qual supõe que José de Alencar possa ser considerado suficientemente representativo de todo o movimento. Para isso, busca apontar as outras vozes, múltiplas e contraditórias, que

---

<sup>4</sup> *Idem*, p. 17.

compõem o discurso coletivo do indianismo e de autores individuais que conscientemente interferiam no processo social.

Para realizar sua análise o autor busca o apoio de disciplinas além da literatura, como a história, a antropologia, e a política. A antropologia é uma base importante para a construção da análise de Treece. A abordagem antropológica de autores renomados como Florestan Fernandes, Luis Donisete Benzi Grupioni e Curt Nimuendajú, por exemplo, fornecem as informações relativas às sociedades indígenas no período analisado.

Quanto à abordagem histórica da obra, é claro o esforço do autor em ultrapassar as fronteiras dos documentos literários para fundamentar sua hipótese. Porém, apesar de apresentar um domínio no que toca a arte brasileira, ao relacioná-la com a política e a história o autor comete alguns deslizes. Sair de seu campo de estudos e aventurar-se por outros traz consigo estes riscos, pois é muito difícil dominar todas as áreas do conhecimento com as quais trabalhamos com a mesma competência.

Primeiramente, o autor apresenta alguns juízos de valor ou palavras que podem ser consideradas anacrônicas para o período estudado, ao longo de todo livro, mas, com maior concentração no período pombalino, como por exemplo: “proletarização das grandes comunidades tribais”<sup>5</sup> e “o regime totalitário do sistema de missões”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> *Idem*, p.70.

<sup>6</sup> *Idem*, p.72.

Além disso, a bibliografia utilizada pelo autor poderia incluir obras mais recentes, visto que, o diálogo se estabelece principalmente com obras da década de 70 e 80, num livro editado pela primeira vez em 2000. Essas obras, é claro, não podem ser deixadas de lado, mas poderiam somar-se a estudos mais recentes.

No entanto, a obra de Treece traz uma grande contribuição para o estudo da literatura indianista por colocá-la em seu contexto histórico, desconstruindo assim interpretações que privilegiavam apenas alguns autores e trazendo à cena outros que até então estavam à margem dessas interpretações. Dessa maneira, as obras indianistas não são vistas apenas como obras de arte, mas são colocadas em diálogo com as disputas sociais e políticas de seu período de produção. Esta forma de análise torna *Exilados, aliados e rebeldes* uma ótima opção tanto para os interessados pela literatura indianista, como para os que se dedicam ao estudo da sociedade no período abordado pelo autor.